

### 3) Os diversos rios que foram se formando: a contribuição da IPU ao ecumenismo

No Brasil, não há como falar de ecumenismo, sem constatar a presença dos reformados. Quem mais contribuiu ao processo de questionamento do fundamentalismo e propôs uma abertura ao diálogo e testemunho público da igreja foram os grupos vinculados à tendência presbiteriana ecumênica. Houve, inclusive, perseguições, desaparecimentos e tortura. Destaco alguns nomes que enfrentaram aquele tempo difícil: Paulo Stuart Wright, Jaime Wright, Billy Gammon, Rubem Alves, Zwinglio Mota Dias, João Dias de Araújo, Richard Shaul, Domício Matos, Celso Loula Dourado, Paulina Steffen, Áureo Bispo, e muitos outros que expressaram a tendência ecumênica presbiteriana com suas vidas, na formação FENIP/IPU, nos organismos ecumênicos, e testemunharam Jesus Cristo no Brasil e no Mundo.

Por ser a igreja presbiteriana no Brasil que tem o ecumenismo como uma de suas fontes constitutivas, a FENIP/IPU lançou suas águas sobre novas áreas, produzindo vigor e fertilidade. Muitos presbiterianos unidos estiveram como fundadores, participantes ou apoiadores comprometidos de diversos organismos: como o Centro Ecumênico de Informação e Documentação (CEDI), A Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE); O Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC); a Comissão Ecumênica dos Direitos da Terra (CEDITER); a Aliança de Igrejas Presbiterianas e Reformadas da América Latina (AIPRAL); Conselho Latino-americano de Igrejas (CLAI); o Conselho Mundial de Igrejas (CMI); a Comunhão Mundial de Igrejas Reformadas (CMIR).

#### Conclusão: para não deixar secar!

A IPU não pode perder o discernimento profético e se tornar cúmplice da estrutura política, social e econômica que mata, legitima a violência e

promove a desigualdade social no Brasil e no mundo. Deve se preocupar com a Criação, nome dado pela Bíblia à ecologia, defendendo a natureza e um desenvolvimento sustentável, conforme Confissão de Accra. Lutar pela justiça de gênero, protegendo e cuidando para que a mentalidade machista e patriarcal não tome conta de nossa igreja, mas seja substituída pelo Evangelho, que é inclusivo e acolhedor.

#### Referências

<sup>1</sup> SANA'ANA, J. A Caminho de Vancouver. Caderno do CEDI 12, Rio de Janeiro: CEDI, 1984, p. 73-74.

<sup>2</sup> SCHNEIDER, Marcelo. Os 65 anos do Conselho Mundial de Igrejas: unidade, testemunho e serviço. Revista Caminhos de Diálogo. Ano 01, n. 1, Rio de Janeiro, 2013, p. 40.

<sup>3</sup> ARAÚJO, João Dias de. Inquisição sem Fogueiras. Rio de Janeiro: ISER, 2º ed. 1982, p. 54.

<sup>4</sup> MENDONÇA, Antônio G. A herança e a contribuição da reforma para o Brasil. A importância de João Calvino na teologia e no pensamento cristão. In: LEMBO, Cláudio; COSTA, Hermistein Maia P; GOUVÊA, Ricardo Q. O pensamento de João Calvino. São Paulo: Mackenzie, 2000. (Série Colóquios), v.2, p. 134.

<sup>5</sup> SOUZA, Silas Luiz de. Pensamento Social e Político no protestantismo brasileiro. São Paulo: Mackenzie, 2005, p.115.

<sup>6</sup> Pronunciamento Social. Disponível em: <[http://ipu.org.br/?page\\_id=1624](http://ipu.org.br/?page_id=1624)> Acesso em 08 de agosto de 2019.

<sup>7</sup> ARAÚJO, João Dias de. 1978: O Nascimento de uma Igreja. Revista Logos, Vitória, ano 1, v. 1, 2012.

Isaque de Góes Costa é pastor da Igreja Presbiteriana Unida de Brasília, licenciado em História (FIBRA/PA), especialista em História e Cultura do Brasil (Unicoimbra/DF) e Mestre em Ciências das Religiões (FUV).

# REFORMATA

Ano I – Agosto 2019 – nº 02 – [bit.ly/reformatata](http://bit.ly/reformatata)



## ECUMENISMO PRA QUÊ?



Terminou de ler?  
Compartilhe este  
exemplar com um/a  
amigo/a! ;)



Nossa revista é independente e conta  
com poucos recursos. Se você quer que  
este trabalho continue e melhore, nos  
ajude na vaquinha! Pouco pra você é  
muito pra gente :)

Contato: [reformatata@outlook.com](mailto:reformatata@outlook.com)

## NESTA EDIÇÃO...

**Teologia em Versos: Você acredita em Deus**  
Cláudio da Chaga Soares

**OIKOUMENE: o lar dos lares que se aquecem juntos**  
Pedro Lísias Moraes e Silva

**ENTREVISTA: Comunhão Mundial de Igrejas Reformadas**  
Raíssa Vieira Brasil

**BILLY GAMMON: por um avivamento da memória**  
Guilherme de Freitas Silva

**PASTORAL: Unidos pelo amor (1Co 1,10-13; 3,4-7)**  
Jorge Eduardo Diniz

**As fontes da FENIP/IPU e sua contribuição ao movimento ecumênico**  
Isaque de Góes Costa

## REFORMATA

Edição, capa e Diagramação  
Guilherme de Freitas Silva

Logo  
Felipe Cavalcante Costa

Contato: reformata@outlook.com

Versão online: bit.ly/reformata

Produção Independente



Charge de *Patrick Chappatte*, após visita ecumênica do Papa Francisco a Genebra em junho de 2018.

## Editorial

Ecumenismo pra quê? Ou melhor, pra começo de conversa, pra quê falar de ecumenismo? A palavra Ecumenismo virou "senso comum", todo mundo sabe do que se trata.

Outro dia, questionando uma pessoa sobre práticas carismáticas no ambiente reformado esta pessoa me retrucou "mas você não é ecumênico?", como se ser ecumênico me obrigasse a adotar quaisquer práticas cristãs. Este, ao meu ver, é o principal equívoco. O ecumenismo não defende a uniformização do cristianismo e nem que todos tenham as mesmas práticas. O pensamento ecumênico nos possibilita ver o agir de Deus em meio a diversidade, sem precisar demonizar a crença do outro e sem abrimos mão da nossa identidade histórica, reconhecendo que se a graça de Deus se manifesta no meio reformado apesar dos nossos pecados e incoerências, ela também pode se manifestar nas igrejas católicas, nas igrejas pentecostais, etc.

Através da confissão de que Jesus é Senhor e Salvador, e deixando entre parênteses os pormenores que não são consensuais (se existe purgatório, se Adão e Eva existiram, etc.), os cristãos se unem para defender os direitos humanos, lutar contra as desigualdades e dar testemunho do Reino de Deus e a sua justiça. Santo Agostinho, aliás, tem uma célebre frase sobre isto: "Nas coisas essenciais, a unidade; nas coisas não essenciais, a liberdade; em todas as coisas, a caridade."

O conceito de "ecumenismo" adotado nesta edição da REFORMATA considera que o ecumenismo se dá exclusivamente entre cristãos. Sem negar a importância do diálogo com religiões não-cristãs, para fins didáticos preferimos o termo "Diálogo Inter-religioso" para diálogo com religiões não-cristãs, mantendo uma diferença conceitual entre "Ecumenismo" e "Diálogo Inter-religioso".

Os equívocos, preconceitos e mal-entendidos conceituais em torno do termo "ecumenismo" justificam a necessidade de falar sobre o tema, e sobretudo, apontam para a necessidade de agir, já que o maior aprendizado se dá pela ação.

Esperamos com esta edição da Revista REFORMATA demonstrar a importância do ecumenismo na construção da nossa identidade reformada progressista e incentivar o envolvimento dos leitores com o movimento ecumênico.

Já na Primeira metade do século XX a renovação teológica no Seminário de Princeton (EUA) chegou ao Brasil, através de livros, revistas, cursos, e professores que vinham como missionários, palestrantes, pregadores, e numa relação entres presbiterianos e a Igrejas presbiterianas dos Estados Unidos. Tanto Erasmo Braga, quanto depois Júlio de Andrade Ferreira, João Del Nero e outras lideranças, traduziram obras de teólogos europeus e americanos (Karl Barth, Emil Brunner, Paul Tilich, etc.) que fomentaram novas abordagens teológicas e "foram balizas para uma crítica ao conservadorismo da Igreja e da teologia protestante brasileira".<sup>5</sup>

Falta-nos espaço para analisar a influência do professor Rev. Richard Shaull, figura marcante no presbiterianismo brasileiro após Erasmo Braga, pois ele simbolizou uma abertura ao pensamento reformado contemporâneo não fundamentalista e ecumênico. Ressalto que teologia que nomino como Teologia do Reino, na verdade são expressões das teologias europeias de Karl Barth, Emil Brunner, Moltmann, etc., lidas no contexto latino americano, e a Teologia da Revolução de Richard Shaull, que foram os vetores das reflexões lançadas no campo da mocidade presbiteriana, nos seminários e organismos estudantis, e que formaram o substrato da teologia que veio caracterizar a tendência presbiteriana ecumênica.

As duas tendências presbiterianas conviveram juntas, apesar das tensões, até a década de 70, quando irrompeu um golpe político-religioso na IPB dirigido por um grupo tendo a frente o personagem símbolo, Rev. Boanerges Ribeiro. A igreja se viu dividida e uma verdadeira trama se construiu para excluir e perseguir a tendência presbiteriana ecumênica e seus representantes.

*Vocação Profética da Igreja*

Muitos pastores e igrejas foram perseguidos por sua postura teológica, ecumênica e social, e por não aceitarem os desmandos internos na IPB, que juntou-se ao golpe civil-militar, e passou a delatar pastores. Um exemplo do clima perpetrado na igreja está no comentário de João Dias (p. 84):

Invasões aos templos, despojamento de pastores, reuniões de conselhos protegidas pela polícia, presbitérios ultrajados pelo Sinodo, lutas internas, ódio, denúncias mentirosas, cassação de candidatos ao ministério, e outros episódios indignos aos irmãos da fé. (Resumo de Atas do Presbitério de São Paulo, 1967).<sup>3</sup>

Com o golpe eclesiástico na era Boanerges, e depois perseguições e exclusão de pessoas que se identificavam com a identidade progressista, a tendência presbiteriana ecumênica foi forçada a se organizar fora do espaço institucional da IPB.

Quando a FENIP se organizou havia um esforço de valorização da liberdade de expressão, da construção dialogal, e da sensibilidade aos problemas sociais brasileiros. Uma vez estruturada como denominação, realçou a espiritualidade do discernimento e do questionamento a partir dos valores do Reino de Deus. Essa postura teimosa e perseverante em busca da justiça, diretos humanos, e defesa criação é chamada de vocação profética da igreja.

Como memória histórica, a FENIP herdou um documento redigido por líderes da tendência ecumênica presbiteriana em 1962, ainda na IPB, e que veio a ser assumido como documento fundante da FENIP. Este documento, o Pronunciamento Social da IPB, afirma em seu parágrafo primeiro:

O imperativo que impõe à Igreja a obrigação de fazer pronunciamentos sobre questões sociais da atualidade nacional e internacional deriva de sua vocação profética de proclamadora e testemunha do Reino e de sua submissão e fidelidade à Palavra de Deus.<sup>6</sup>

**2) O desaguar dos cursos d'água numa confluência hidrográfica formando o rio que veio a ser a organização da FENIP/IPU**

Os representantes da tendência presbiteriana ecumênica sobreviveram após três encontros e, vendo a inutilidade da espera de mudanças na estrutura e direção da antiga denominação, se organizaram na Federação Nacional de Igrejas Presbiterianas (FENIP), em 1978. A FENIP nasceu da confluência de presbiterianos que defendiam o ecumenismo, a teologia do reino e a vocação profética da Igreja, além de outras pautas que já circulavam na Igreja, como a inserção da mulher nos ministérios ordenados.

Em 1983, na terceira Assembleia Geral em Vitória, a FENIP passou a se chamar Igreja Presbiteriana Unida do Brasil. Em função, segundo João Dias, "[...] de estabelecer contatos e relacionamentos com as igrejas e organismo nacionais e internacionais ecumênicos."<sup>7</sup>

1) o Conselho Missionário Internacional [...] criado em 1920, o qual filou-se ao CMI em 1961 na sua terceira assembleia em Nova Deli na Índia e transformou-se depois na Comissão Mundial de Missão e Evangelismo. 2) o Movimento de Vida e Ação (Life and Work), foi criado em Estocolmo na Suécia em 1925 no período da Conferência sobre "Cristianismo Prático", cujo lema era "A doutrina divide, mas o serviço une". [...] Pela articulação do bispo sueco luterano Nathan Söderblom (1866-1931); e, 3) [...] o Comitê de Constituição do Movimento - Fé e Ordem (conhecido também como "Fé e Constituição"), reuniu-se em 1920 em Genebra na Suíça. São os primeiros esforços por uma formulação doutrinária comum.<sup>1</sup>

Desses três movimentos foi gestado o núcleo de fomentação para um organismo que aproximou protestantes, anglicanos, ortodoxos, vétero católicos, pentecostais, e independentes. O CMI expressa um fórum diverso e de múltipla representatividade entre igrejas no mundo. Segundo Marcelo Schneider,

Atualmente o CMI reúne 345 igrejas de todo mundo. Mesmo com relevantes mudanças no mapa do cristianismo global, ele ainda é a mais ampla e inclusiva organização ecumênica do mundo. O CMI reúne igrejas, denominações e conselhos de igrejas de mais de 110 países, representando mais de 500 milhões de cristãos, entre os quais se encontram e ortodoxos, anglicanos, batistas, luteranos, metodistas e reformados, além de uma série de igrejas unidas e igrejas independentes e uma frente de trabalho expressiva com a igreja católica romana.<sup>2</sup>

O CMI foi o catalizador de novas iniciativas de cooperação entre igrejas, organismos internacionais, e movimentos sociais que se desenvolveram no Brasil. Sua contribuição principalmente no período da ditadura militar foi inestimável acolhendo perseguidos, protegendo documentos que comprovavam a violência e a tortura, e proporcionando consolo e apoio como espaço eclesial.

A Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) se viu dividida em duas tendências, uma aliada ao pensamento fundamentalista e conservador e outra ligada ao movimento internacional de cooperação, a tendência presbiteriana ecumênica. Essa constatação é indicada pelo teólogo presbiteriano João Dias de Araújo no seu livro *Inquisição sem fogueiras* (p. 54):

Houve sempre, na Igreja Presbiteriana do Brasil duas tendências: uma denominacionalista-sectária e outra ecumênica. Através de sua história essa igreja tem afirmado essas duas tendências de modo claro. De um lado podemos dizer que a tendência denominacionalista-sectária foi mais forte e a que tem triunfado na maioria das decisões, determinando uma atitude cada vez mais isolacionista da IPB. Por outro lado, a tendência ecumênica tem tido suas pequenas mais significativas vitórias. Podemos afirmar que todos os movimentos de cooperação entre igrejas evangélicas do Brasil e mesmo os diálogos com a Igreja Católica contaram com o pioneirismo e o trabalho decidido de pastores e leigos presbiterianos. A 1ª tendência denominacionalista-sectária-fundamentalista tem hoje um nome simbólico: Boanerges Ribeiro. A 2ª tendência teve o seu auge na atuação de outro presbiteriano de espírito fortemente ecumênico: Erasmo Braga.<sup>3</sup>

#### *Teologia do Reino*

As duas tendências presbiterianas que habitavam a IPB, estavam ancoradas em formas teológicas diferentes, apesar do mesmo referencial – a teologia reformada. Eram representações de grupos que abordavam o papel da Teologia, do lugar social Igreja, da missão, e a relação com a cultura brasileira de formas opostas. Um exemplo do modo de pensar da tendência denominacional-sectária pode ser observado no artigo de Antônio Gouveia de Mendonça "A herança e a contribuição da reforma no Brasil":

Em primeiro lugar um apego a Confissão de Fé de Westminster e os seus catecismos [...]; Em segundo lugar a proposta de ensino aos alunos de um conhecimento positivo das Escrituras e a defesa contra a influência deísta sendo Princeton um baluarte teológico e cultural de defesa do calvinismo (Confissão de fé Westminster) e Teologia do Pacto reflexo da ortodoxia calvinista.<sup>4</sup>

Essa subserviência da Teologia às formulas dogmáticas e símbolos da fé como freio a criatividade, a análise social e pressionada por uma teologia da repetição, travou a liberdade e a riqueza de olhares sobre o passado, e a possibilidade de interpretar o presente acerca dos desafios da igreja com suas solicitações sociais, políticas, econômicas e religiosas.

## Coluna TEOLOGIA EM VERSOS

### Você acredita em Deus?

Eu queria acreditar em Ti,  
cartesianamente falando,  
porém não consigo.

Tentei... Tentei... Tentei...

Confesso que li  
e reli Santo Anselmo  
em sua tentativa de provar  
a Tua existência.  
O máximo que obtive da leitura  
foi o olhar da contemplação,  
fruto dos amantes.

Por isso,  
desisti  
de  
tentar  
acreditar  
em  
Ti.

Acreditar é pensar em Ti  
a partir da lógica matemática  
para quem a prova é  
mais importante que o Mistério.  
Quem assim procede,  
sem perceber,  
faz de Ti um ídolo  
e o coisifica.  
Coisas:  
livros,  
cadeiras,  
objetos abjetos  
que só servem para tropeçar.

A minha premissa é:  
"o ato de crer,  
não é o espaço para provas,  
é um chamado à ESPERANÇA."

Porém,  
ao dizer  
que não acredito mais em Ti,  
com isso eu não quero dizer  
que não Te ame mais.  
Só não acredito. Creio.

Assim, a fé não é mais a certeza,  
- aqui estou na contramão do  
pregador da Carta aos Hebreus,  
mas in-certeza:

A in-certeza é como entrar  
em uma casa desconhecida,  
onde tudo é sem sentido,  
e que você sempre precisa perguntar:  
"Onde estão as coisas?"

A in-certeza não é  
o espaço da descença,  
é um convite à aposta:  
Utopia.

Por isso,  
ao dizer  
que não acredito em Ti,  
afirmo o meu cansaço  
com os esforços dos que  
almejam provar a Tua existência,  
com os discursos dogmáticos  
que, como chumbo,  
Te impedem de dançar.

Portanto,  
em reação a esses discursos,  
ouço, em meus ouvidos,  
o grito de Lutero:  
"Deixa Deus ser Deus".

Ó Mistério Inefável,  
A Ti afirmo: Creio.

Creio por ser in-certo crer.

Pois quanto mais  
eu me lanço para  
dentro da in-certeza,  
mais in-certo eu me torno e  
em resposta à pergunta  
se acredito em Ti,  
elevo silenciosamente  
em meu coração,  
as palavras do  
evangelista Marcos  
como oração a Ti:

*Pistéuo. Boêthei mou the apistia.  
Pistéuo.Boêthei mou the apistia.  
Pistéuo. Boêthei mou the apistia.*

[Creio. Ajuda-me na minha falta de fé]

Cláudio da Chaga Soares é teólogo, mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória e pastor presbiteriano.



## DIKOUМЕНЕ: o lar dos lares que se aquecem juntos

O que é ecumenismo? A “terra habitada” é como traduzimos o conceito grego *oikoumene* – em sentido amplo: toda a humanidade, os “habitantes da terra”. *Oikoumene* é a unidade cultural helênica; para os romanos é unidade organizacional do seu mundo (*orbis romanus*). Esse termo greco-romano é emprestado à Bíblia. O sentido religioso de *oikoumene* ganhou status sagrado à medida que o testemunho da Criação de Deus e da sua ação salvífica universal são registrados e transmitidos a toda a *terra habitada*. Ecumenismo (cristão) é um “acontecimento” inclusivo, abrangente e permanente. Acontece na *gleba* (terreno próprio para cultivo) interna e externa da casa comum: seus cômodos e seu jardim. Ecumenismo é um pacote resiliente que trás consigo a exigência necessária de constante posicionamento político-cultural dos crentes e das igrejas, mantendo sua essência.

### INTRODUÇÃO

Na largada, é fundamental trazer à memória aquele conceito que é essência do ecumenismo: *unidade na diversidade*. E o que significa? O ser humano é naturalmente capaz de conviver em harmonia apesar das diferenças natas e adquiridas, isto é, as relações são conflitantes, porém, superáveis pelo encontro com o outro na perspectiva do amor incondicional (1 Co 13). Em outras palavras: uma família tem um lar comum, sua casa. Seus membros se relacionam conflituosamente: um quer café, outro quer leite, e ainda outro quer café com leite. Diálogo, acordos, disposição para resolver conflitos com zelo criativo garantem a unidade familiar apesar da diversidade de interesses: esforço pelo bem e valorização do que é comum. Na esteira da história, podemos visitar formas livres, eclesiológicas ou institucionais de ecumenismo.

### UNIDADE NA DIVERSIDADE

O esforço pela unidade na diversidade não é reservado à era cristã. É uma constante tentativa universal dos indivíduos, das famílias, dos clãs e povos espalhados pelo planeta. Qualquer pesquisa arqueológica ou mergulho literário que enfrente a compreensão das ruínas, vasos e textos com suas diversas fissuras e remendos, nos mostrará sempre um evidente dilema entre conflito e reconciliação clamando pela união dos contraditórios para a geração de uma realidade plena de justiça, de liberdade e de paz. Tudo

começa pela não superação do conflito com o nosso próprio umbigo: os guetos e as civilizações têm convicção de serem ou estarem no centro do mundo, como pensavam os palestinos (Ez 38.12; 5.5). Os gregos criam que era a cidade de Delfos; para outros o Vaticano, Meca, Nova Iorque, São Paulo ou Juazeiro e Petrolina.

*A anfictionia: um proto-ecumenismo no Antigo Testamento?*

Era a comunidade livre e reunida peregrinando pelo deserto que se assentou em Canaã. A fé comum em Javé uniu as tribos numa situação especial até o tempo dos juizes. Consciência coletiva de um povo cuja organização social tinha Deus como seu Senhor, Rei, Juiz e Legislador, o qual emprestava sua força habilidosa aos líderes tribais. Essa liga tribal em torno do tabernáculo tinha características cívico-estatais, pois as decisões mais importantes eram tomadas por um conselho de anciãos representantes de cada tribo. Essa unidade na diversidade foi eliminada pela monarquia, ao centralizar o poder civil e estatal na figura do rei e ao entregar o poder religioso, com a instituição do Templo, às dinastias sacerdotais.

*Ecumenismo da Igreja primitiva*

A missão do Espírito Santo – em harmonia com o Pai e o Filho – é trabalhar promovendo a unidade na diversidade. O primeiro concílio admitiu estrangeiros e judeus como cristão ao superar as exigências legais judaicas (At 15.1-35). Assim, o “povo de Cristo” em Antioquia (Antáquia, Turquia), primeira comunidade mista de judeus e não-judeus nativos (gentios), tornou-se o centro da missão dos gentios, e dali o apóstolo Paulo partiu para as missões mais ousadas mediterrâneo adentro. Terreno fértil para a “igreja inteira”, *Igreja Católica* – expressão que buscava a unidade, em oposição às igrejas individuais e locais.

Como a inculturação da mensagem tem êxito através da unidade na diversidade, a Igreja foi alcançando os confins daquele mundo antigo: entre os africanos do Egito (coptas) à Eritreia, entre os celtas nas ilhas britânicas, no oriente (da Síria à China) com destaque para o sul da Índia, onde Tomé teria iniciado comunidades cristãs. São as fronteiras marginais do Império Romano. Culturas diversas, com suas particularidades, celebrando as Boas Novas.

## As fontes da FENIP/IPU e sua contribuição ao movimento ecumênico



A primeira vez em que fui a uma Igreja Presbiteriana Unida (IPU), foi em uma celebração da Semana de Oração Pela Unidade dos Cristãos (SOUC) lá na região Amazônica, na cidade vizinha de onde eu morava: Ananindeua. Era a Primeira Igreja Presbiteriana Unida da Amazônia. Foi bom ser recepcionado pelos membros, na presença de diversas denominações. Além disso, se orava pela justiça e direitos humanos como parte da missão de evangelizar e seguir Jesus, lados de uma sinfonia expressando o Reino de Deus.

Após esses anos pastoreando a IPU e como historiador, entendi que não há como separar a identidade de nossa Igreja, da história do ecumenismo. Somos parte desse movimento. Nossa Teologia e prática presbiteriana reflete um jeito de ser igreja, que não se explica sem o movimento internacional de reconciliação entre igrejas.

Nesse sentido, o ecumenismo é um tema chave para os presbiterianos e reformados fiéis ao pensamento de João Calvino, que acreditava e lutava pela unidade das igrejas cristãs no mundo todo. Como o espaço é curto e nossa proposta é identificar a IPU nesse cenário, o texto presente parte da seguinte pergunta: Qual a contribuição da Federação Nacional de Igrejas Presbiterianas (FENIP) e depois Igreja Presbiteriana Unida (IPU) ao movimento ecumênico?

Como sou do Pará e vivo com saudades da chuva, dos olhos d'água, igarapés e rios. Vou descrever esses momentos históricos usando a metáfora das águas, e tentar responder essa pergunta a partir e três momentos históricos: 1) *as nascentes que formaram a tendência presbiteriana ecumênica no Brasil*; 2) *O desaguar dos cursos d'água numa confluência hidrográfica formando o rio que veio a ser a organização da FENIP/IPU como projeto de Igreja reformada*; 3) *Os diversos rios que foram se formando, ou seja, a contribuição da IPU ao ecumenismo*.

### 1) As nascentes que formaram a tendência presbiteriana ecumênica no Brasil

As águas que fazem surgir nascentes vêm de lençóis freáticos, resultado de processos de permeio de chuvas, retenção e fluxo de águas internas no solo. Em toda história da Igreja o lençol freático ou lençol d'água como alguns conhecem, do qual brota a questão ecumênica é a própria mensagem de Jesus Cristo, narrada em forma de prece no evangelho de João “*Que todos sejam um*” para que o mundo creia! (João 17). A Igreja primitiva e depois o período conhecido como era dos pais e mães da igreja, mostra uma preocupação dos cristãos diante das diferenças entre os diversos cristianismos e as profundas feridas abertas por conflitos e separações na Igreja de Cristo.

No século XI as Igrejas Ortodoxas e a Igreja Romana se separaram, e depois na Reforma Protestante sec. XVI, o catolicismo no ocidente, viu romper sua estrutura de cristandade. Os próprios Presbiterianos nasceram dos conflitos entre anglicanos e os interesses políticos na Escócia do século XVII, e depois causaram divisões entorno da segregação racial nos Estados Unidos, o apoio a política do *apartheid* na África do Sul, a legitimação dos interesses do capitalismo europeu na Ásia, e América Latina.

Apesar do rastro divisionista, no século XX surgiu entre os cristãos no contexto internacional, uma corrente de pensamento que favorecia a prática do diálogo e cooperação entre as igrejas no mundo. Esse movimento vai influenciar as igrejas no Brasil, e vai possibilitar um nicho de novas representações acerca do papel social da Igreja.

### *Movimento ecumênico*

Esse movimento é o principal rasgo d'água na terra de nossa história, pois ele representa uma nova postura mundial das igrejas diante das questões que assolavam o planeta e a separação entre cristianismos. Teve seu ponto de partida no contexto missionário e protestante, e como marco principal, o Congresso Missionário Internacional em Edimburgo (Escócia) em 1910. Júlio de Sant'ana identifica as primeiras nascentes do Conselho Mundial de Igrejas Cristãs (CMI):

## PASTORAL: Unidos pelo amor (1Co 1,10-13; 3,4-7)

*“Irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo suplico a todos vocês que concordem uns com os outros no que falam, para que não haja divisões entre vocês, e, sim, que todos estejam unidos num só pensamento e num só parecer.*

*Meus irmãos, fui informado por alguns da casa de Cloe de que há divisões entre vocês. Com isso quero dizer que cada um de vocês afirma: “Eu sou de Paulo”; “eu de Apolo”; “eu de Pedro”; e “eu de Cristo”.*

*Acaso Cristo está dividido? Foi Paulo crucificado em favor de vocês? Foram vocês batizados em nome de Paulo?*

[...]

*Pois quando alguém diz: “Eu sou de Paulo”, e outro: “Eu sou de Apolo”, não estão sendo mundanos?*

*Afinal de contas, quem é Apolo? Quem é Paulo? Apenas servos por meio dos quais vocês vieram a crer, conforme o ministério que o Senhor atribuiu a cada um.*

*Eu plantei, Apolo regou, mas Deus é quem fazia crescer; de modo que nem o que planta nem o que rega são alguma coisa, mas unicamente Deus, que efetua o crescimento.”*

*(Primeira carta de São Paulo aos Coríntios 1,10-13; 3,4-7, NVI)*

Vivenciamos um tempo de polarizações, de extremos. Tempo em que muitos ultrapassam os limites do respeito defendendo sua própria opinião. Tempo de desunião e fragmentações. Paulo, o apóstolo, em sua primeira carta aos coríntios, ocupa os quatro primeiros capítulos exortando e ensinando contra as facções e divisões entre os cristãos.

Em Corinto as divisões se davam por partidarismos, por preferirem uma liderança em detrimento de outra, muitos tinham seus ministros prediletos. Em uma cidade de grande porte com costumes, tradições e influências de várias partes do mundo a diversidade e as diferenças sociais também geravam divisões (1Co 1.26; 11.21-22), além dos grupos rivais expostos nos três primeiros capítulos: Os FUNDADORES, que gloriavam-se em autoproclamar-se como o grupo de Paulo, usando indevidamente o nome do apóstolo usavam também indevidamente da liberdade cristã em detrimento da lei judaica. Excediam na liberdade e se esqueciam da responsabilidade intrínseca ao cristianismo. Os INTELLECTUAIS que se

autoproclamavam de Apolo, que era um pregador, talvez, mais eloquente. Os TRADICIONAIS que se afirmavam de Cefas, de Pedro. Espelhavam-se nele por ter sido um dos primeiros seguidores de Cristo e um zeloso da lei judaica, influenciava muitos mesmo sem ter trabalhado diretamente na igreja de Corinto. E os EXCLUSIVISTAS, que se diziam de Cristo. Nenhuma outra liderança na igreja era aceita por esse grupo, somente Cristo. Eram perfeccionistas e pietistas. Todos os discípulos de Jesus tinham falhas que eram muito malvistas por eles. Esse grupo só aceitava a Cristo e, mesmo se o próprio Cristo viesse a dirigi-los em pessoa, eles o rejeitariam.

Atentos a carta do apóstolo, observemos algumas causas dessas polarizações. No capítulo três Paulo os chama de carnisais e de imaturos. É como se rejeitassem a maturidade, a disciplina proposta, a graça concedida, o perdão derramado e o ensino de compartilhar tudo o que recebemos de Cristo com amor. Eles eram meninos espirituais, crianças “sem educação”, não queriam crescer na fé, no conhecimento e no serviço, se contentavam com sua meninice e infantilidade, eram autossuficientes e tinham dificuldades em observar as doutrinas bíblicas, eles foram ensinados e desmereciam o ensino que receberam (1Co 15.12). Ainda não tinham compreendido o equilíbrio da vivência cristã regado pelo amor e cuidado para com todos e todas.

Santo Agostinho dizia que “a unidade da igreja é na diversidade” e não na uniformidade. Muitas vezes somos envolvidos por contendas e partidarismos, não nos relacionamos com os que são e pensam diferentes de nós, queremos uniformizar e padronizar a todos e nos esquecemos do amor, vínculo da perfeição, que faz dos diferentes, membros de um só corpo.

Juntos e juntas reconhecemos senhorio de Cristo, submetamo-nos a Ele, sigamos o seu exemplo, acolhamos a todos e a todas, enxerguemos a igreja unida em meio à sua diversidade. Reconhecemos também as divisões que fracionam a igreja, o corpo de Cristo; e em Cristo, com Cristo, lutemos pelo respeito mútuo e pela unidade do Corpo. Com o Emanuel, o Deus presente, promovamos e fortaleçamos a unidade através do AMOR que nos faz um.

Jorge Diniz é pastor da Segunda Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte, presidente do CONIC-MG.

## Ecumenismo da Igreja absorvida pelo Império

Dentre tantas manifestações pagãs estabelecidas dentro do Império Romano, diversas igrejas em centros de importância mundial iniciavam seus trabalhos, desafiadas a criterizar a membresia. Reuniam-se a fim de esgotar as muitas dificuldades e controvérsias para manter o princípio da salvação pela fé em Cristo. São os concílios ecumênicos dos primeiros séculos realizados por uma pentarquia: os patriarcados de Roma, Constantinopla, Alexandria, Antioquia e Jerusalém. A Igreja estava incorporada ao Império sob um líder máximo e único: Constantino dava liberdade religiosa ilimitada e em 325 realizava o primeiro concílio ecumênico do mundo cristão imperial, em Nicéia, e detinha a decisão final. Cada grande cidade já tinha seu bispo, e a estatização da Igreja deu espaço às tensões teológicas polêmicas capazes de rachar o mundo greco-romano. Em excesso, os ingredientes antiecumênicos estavam colocados à mesa da reunião “ecumênica”: embates políticos-ideológicos, disputa pelo poder, afirmação de uma hierarquia oficial que contaminou a Igreja, criando brechas de intolerância e abismos gerados pelo fanatismo. Houve ódio entre cristãos e contra outras religiões: tensões culminaram no cisma de 1054.

### Ecumenismo da Igreja medieval até os tempos modernos

Nesse longo percurso histórico cristão, os concílios ecumênicos definiam as doutrinas a serem aceitas, e isto expressava ecumenismo, o que passou a ser sinônimo da necessidade de recompor a unidade, essencialmente no começo do século XVI, após colecionar divisões (e reformas) no cristianismo. Ao final do século XVIII inúmeras associações cristãs foram criadas em reação às incontáveis transformações no mundo daquele período – surgiam os intercâmbios e projetos missionais comuns. O século XIX é palco dos primeiros diálogos entre igrejas separadas: nascia o “familiar” movimento ecumênico.

### TIPOS DE ECUMENISMO

A ação ecumênica começa no seio comunitário, desde as relações mais íntimas nos lares dos irmãos e irmãs. Ganha musculatura nas relações indivíduo-indivíduo, assembleias de membros, intercâmbios igreja-igreja, reuniões conciliares, contatos interdenominacionais e entre organismos ecumênicos regionais, nacionais e internacionais. Trata-se de nos reencontrarmos enquanto famílias eclesiais, movidos pelo amor cristão, que não divide famílias, apesar de seus nomes e sobrenomes.

A oração e o diálogo pela superação das diferenças humanamente insuperáveis caracterizam o *ecumenismo espiritual*; já o *ecumenismo institucional* é aquele promovido, por exemplo, pelo Conselho Mundial de Igrejas; como exemplo do *ecumenismo doutrinário* está o reconhecimento mútuo do batismo entre as igrejas-membro do CONIC (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs); o *ecumenismo de serviço* ou *secular*, foca no serviço pela dignidade humana e harmonia com a criação, se afastando das dificuldades doutrinárias, e tem como exemplo a CESE (Coordenadoria Ecumênica de Serviço), entidade ecumênica comprometida com a urgência do Reino de Deus ao priorizar a defesa e restauração da dignidade humana pelas vias da sustentabilidade e democracia: unidade (experimentada) na diversidade.

### Ecumenismo contemporâneo

É missão em parcerias: estar ecumenicamente agindo na história, convidando os povos, as pessoas e entidades a saírem dos guetos para se acharem livres das alienações. Tarefa com *esperança*: ecumenismo como *força de integração* – em Rubem Alves é superação do poder das “históricas e trágicas devastações realizadas pela colonização ocidental” (NUNES, 2007 p. 157). Atualmente “*ocidente*” é qualquer opressor que empregue, explore e colonize o corpo (o Ser e/ou seu lugar), a fim de construir fronteiras intoleráveis. A esperança clama por novas linguagens para um debate interseccional, cujas pautas são o feminismo, a luta do negro, do indígena, dos LGBTQI+, dos refugiados, dos sem trabalho, teto e terra, dos miseráveis. O ano agradável a Deus é esperança sob a ética do amor (Ef 2.18, 3.12). Conceito semelhante existe entre os africanos subsaarianos – *ubuntu*, “humanidade para com os outros” –, cuja ética é *todos vencem juntos*.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS: PARA ALÉM DO ECUMENISMO.

Para Nilton Bonder “O intolerável é sempre uma medida muito interessante. Representa a transgressão de uma fronteira que na verdade só se define claramente ao ser cruzada. Infeliz do tolerante que não conhece a experiência de limites.” (2010, p.23). Na obra *Judaísmo para o século XXI: o rabino e o sociólogo*, Bonder encara o tema ecumenismo pela ótica *pluriversal* (que contesta a universalidade – como o *ubuntu*), que é fundamentalmente superar a categorização dialética e “tetralética”, esta última explicada através de quatro categorias de frutos palatáveis:

(1) daqueles cujas cascas e caroços não são comestíveis, como abacate e manga; (2) cascas e caroços comestíveis, como morango e figo; (3) cascas não comestíveis e caroços comestíveis, como a banana e o abacaxi; (4) cascas comestíveis e caroços não comestíveis, como ameixa e maçã. Mas, e o caju? Encontramos no fruto “caju” a expressão da alternativa e do desafio daquilo que não se encaixa (caroço exposto, desprotegido da casca – tudo é saboroso), entretanto, está definido a fazer parte da unidade na diversidade:

Reconhecer o outro e também as nuances no comportamento humano [é] promover um ser humano melhor, com maior compreensão de si e de seu semelhante. O caju pode, sem dúvida, levar esse processo um passo à frente. O verdadeiro ‘outro’ é o que não está no diálogo e que, de certa forma, questiona tanto tese como antítese. É aquele que não se encaixa na síntese e, portanto, a ‘desprova’. Por um lado o caju é ‘ameaça’, por outro é ‘desafio’. Mas todos sabemos que ignorar a existência desse ‘quinto fruto’ não salva a síntese, muito pelo contrário, acelera seu processo de desintegração. Não há outra forma de honrar o esforço intelectual e espiritual do passado sem conduzir a ameaça à categoria de desafio. (2010, p. 37)

Portanto, ecumenismo é superar o rótulo “ameaça” que impomos ao outro, às outras expressões de fé, para estabelecer um encontro desafiador,

permanente, no qual a unidade é destino do diálogo. Na *Qahal* de Jesus, a congregação de todos os povos, cabe o “pentecostal” caju?

-----

#### REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Joãozinho Thomaz de. Guia de Patrística: as marcas de Cristo na história dos primeiros séculos. São Paulo. Fonte Editorial, 2012.

BONDER, Nilton. O judaísmo e o não judeu na família. In: BONDER, N.; SORJ, B. Judaísmo para o século XXI: o rabino e o sociólogo. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. p. 35-45.

BONDER, Nilton. Tolerância e o outro. In: BONDER, N.; SORJ, B. Judaísmo para o século XXI: o rabino e o sociólogo. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. p. 23-39.

NUNES, Antônio Vidal (Org.). O que eles pensam de Rubem Alves: e de seu humanismo na religião, na educação e na poesia – São Paulo : Paulus, 2007.

Pedro Lísias Moraes e Silva é pastor da Igreja Presbiteriana Unida de Campo Grande, e pastor auxiliar da Igreja Presbiteriana do Ibes, ambas no Espírito Santo. Vice-moderador do Presbitério de Vitória (PVTR), teólogo pelo Centro de Formação Teológica Richard Shaul e Designer Gráfico pela UFES.

## O ecumenismo em João Calvino...



**“Pela unidade da Igreja, estou pronto a atravessar dez mares, se necessário.”**

Carta à Thomas Cranmer, arcebispo anglicano de Cantuária (1552)

Para saber sobre o ecumenismo em João Calvino, leia as páginas 66-69 do livro *O Humanismo Social de Calvino*, de André Biéler [Pendão Real, 2009]. Acesse: [bit.ly/hscbieler](http://bit.ly/hscbieler)

especialmente com gente presbiteriana de quem ela não sabia a opinião sobre suas atividades na Escola. [...] Foi, porém, nos dias terríveis, fins do Governo Costa e Silva e princípios do Governo Médici que a segunda e mais terrível onda de terror varreu a UnB. [...] Naqueles dias ninguém, velho ou moço, podia andar pela rua com cadernos, livros ou coisas que parecessem estudo. Isso levava à cadeia em minutos. [...] Billy descobriu essas minhas idas e vindas ao Delegado por causa de estudantes presos. Uma boca-de-noite procurou-me ela para que eu fosse em sua companhia onde está situada na Entreguadras 311/312 a Delegacia de Homicídios, pedir licença para levar a treze estudantes ali presos, sem alimento nem agasalho, alguma coisa de ajuda e um pouco de solidariedade. [...] Billy além desse refrigério, demorava-se ali a falar com eles na esperança de dias melhores. Toda aquela atividade dela em benefício de seus alunos, de que estou dando simples e diminuta amostra, levou-a a ser demitida como professora da UnB, com mais de trinta outros professores, mestres do mais elevado gabarito intelectual e profissional, naqueles dias, e não só a demissão, porém, muitos deles foram desterrados e escoraçados pela polícia. (1981, p. 243-244)

Neste período, foi criada a Comissão de Erradicação de Invasões, que engendrou a Ceilândia, como forma de esconder dos visitantes que vinham à Brasília, os miseráveis que engrossavam as favelas da capital. Nas palavras de Eudaldo “[A Ceilândia era] o depósito-de-pobres do Governo Médici, e para ali levou com os miseráveis barracos e tudo, só no primeiro mês – a estatística é do próprio governo – noventa e três mil pessoas...” (1981, p. 245)

Billy encontrou na Ceilândia campo para sua atividade evangélica. Lá o Rev. John Miller havia iniciado um projeto ecumênico e social denominado Pró-gente. Este projeto assistia a população com atividades de educação, lazer, esportes, creche e pré-escola.<sup>1 4</sup> Billy estava vivendo um período de paz num trabalho de amor em que sua alma se deleitava, quando algo suspeito e trágico aconteceu, como narra o Rev. Eudaldo:

Aconteceu, por esse tempo, num cair-de-noite, não se me dá da data, recebi um chamado telefônico de meu amigo, irmão

em Cristo e parente por afinidade Esaú de Carvalho, como se me desse uma cacetada no crânio, comunicando-me que Billy, ao voltar do trabalho para casa, na altura da superquadra duzentos e cinco, ao sair de uma padaria, fora atropelada por um carro que a abalroou e desapareceu. Além desse aviso, me confirmou que ele e a Universidade estavam cuidando do caso e me pedia que entrasse no mesmo circuito para ajudá-lo. Do choque veio ela a falecer [em 02 de setembro de 1974]. (1981, p. 246)

O condutor do carro jamais foi preso. Até hoje, amigos e amigas não acreditam em acidente.

#### Epílogo

Billy liderou uma juventude que marcou profundamente a Igreja protestante brasileira em um momento de efervescência política e social. Obviamente, a inquisição sem fogueiras também a condenou sob a alcunha de “modernista” e “comunista”. Porém, mesmo enfrentando as adversidades ela continuou sua luta pela unidade dos cristãos, sonhando uma Igreja identificada com os ensinamentos de Jesus Cristo em favor dos proscritos. Muitos jovens daquela época se tornaram importantes lideranças ecumênicas e comprometidas com a justiça social, fazendo ecoar o legado de Gammon.

-----

<sup>1</sup>MILLER, Elinete Wanderley Paes. Willie Humphreys (“Billy”) Gammon (1916-1974). In: SINNER, Rudolf von; WOLFF, Elias; BOCK, Carlos Gilberto (Orgs.). Vidas ecumênicas: testemunhas do ecumenismo no Brasil. São Leopoldo: Sinodal. Porto Alegre: Padre Reus, 2006.

<sup>2</sup>ARAÚJO, João Dias de. Inquisição sem fogueiras. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos da Religião, 1982.

<sup>3</sup>CENTRO ECUMÊNICO DE INFORMAÇÃO (CEI). Billy Gammon. Documento 59, novembro 1974 (Ed. Especial). Rio de Janeiro, 1974.

<sup>4</sup>LIMA, Eudaldo. Billy Gammon. In: LIMA, Eudaldo. Romeiros do meu caminho. Brasília: Itamarati, 1981.

Guilherme de Freitas Silva é seminarista da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil, acadêmico de Teologia na Faculdade Unida de Vitória e psicólogo pela PUC Minas.

admirada e respeitada pelos jovens cristãos e não-cristãos.<sup>1</sup> Conforme Elinete Miller atesta:

Billy foi uma líder cristã que contribuiu para que ocorressem mudanças e avanços em muitas esferas do protestantismo brasileiro na década de 1940, 1950 e 1960. Billy era mulher de espiritualidade marcante, vida de fé, com ideias, convicções e atitudes firmes e ações consistentes. Era uma força renovadora tanto do pensamento teológico e ecumênico da Igreja Presbiteriana, bem como da prática cristã. Ela abriu caminhos para o ecumenismo no Brasil. Billy levou a juventude e também a igreja a se aproximar do Conselho Mundial de Igrejas (CMI). Trouxe para a comunidade presbiteriana a agenda do CMI, com os assuntos que estavam em pauta na época, principalmente o ecumenismo e compromisso social da Igreja com os desfavorecidos [...] O ecumenismo passou a ser um dos centros dos debates nas reuniões da mocidade presbiteriana. (Miller, 2006, p. 28)

Billy viajou por quase todo o país, estimulando e organizando as atividades da juventude presbiteriana. Inevitavelmente, o trabalho de grande envergadura realizado por uma jovem que enfatizava a beleza e o chamado de Jesus para a realização de ações concretas na sociedade, desestabilizava o poder patriarcal tanto de lideranças conservadoras, quanto de lideranças fundamentalistas. Eles achavam que a mocidade sob a liderança de Billy estava indo muito depressa, criando muita estrutura com seu próprio jornal e confederação nacional.<sup>13</sup>



Capa do Jornal Mocidade. Nº 31, dez. 1946

Foi quando "forças ocultas" começaram a minar o trabalho de Billy na liderança da juventude, – conforme afirma Paulina Steffen<sup>1</sup>: "Ela fazia relatório de seus trabalhos, mas eles não aprovavam seus relatórios. Ela trabalhou muito" – culminando na exoneração de Billy da Secretaria Nacional de Mocidade pelo Supremo Concílio, e posteriores censura e encerramento do jornal Mocidade e "reestruturação" da Confederação da Mocidade Presbiteriana em 1960, que veio a ser extinta em 1962.

"Nós tínhamos um arquivo da mocidade com todos os jornais encadernados, documentos e atas. Tudo foi destruído." disse Paulina Steffen.<sup>1</sup>

De 1958 a 1960, Billy ainda trabalhou no Departamento da Mocidade da Confederação Evangélica do Brasil (CEB), onde exerceu atividade similar à exercida na Confederação da Mocidade Presbiteriana, porém em âmbito intereclesialístico e ecumênico.<sup>3</sup>

#### Brasília

Após exoneração, Billy foi para os Estados Unidos dar sequência aos estudos de Teologia e Ciências Sociais. Retorna ao Brasil e vai lecionar na Universidade Nacional de Brasília (UnB). Lá se envolveu com a Associação Bíblica Universitária (ABU), mas encontrou resistência por parte de jovens evangélicos que se opuseram à participação de jovens católicos e membros da UNE nas reuniões de estudo bíblico.<sup>1</sup>

Desenvolveu então um projeto de alfabetização de adultos, ideia que outrora havia sido debatida pela Mocidade Presbiteriana, sob sua liderança. Billy orientava os professores (jovens de diversas igrejas) com a pedagogia de Paulo Freire. Sem espaço na Igreja Presbiteriana do Brasil - que não admitia mais nenhuma atuação de Billy - ela desenvolve o projeto em Paróquias Católicas e outras comunidades cristãs. Porém, o clima em Brasília não era nada amigável.<sup>14</sup>

O Rev. Eudaldo Lima, pastor da Igreja Presbiteriana de Brasília, relatou o clima vivido por Billy Gammon na cidade:

Ninguém desta nossa geração pode olvidar o que aconteceu na UnB naqueles dias ominosos. A polícia invadiu a escola, o espancamento e a tortura de estudantes estavam na ordem do dia. [...] E Billy era professora dessa moçada que vivia caçada, escorraçada, presa e torturada. Ao chegar a Brasília, ela como que veio muito ressabiada com gente de Igreja e

## ENTREVISTA: Comunhão Mundial de Igrejas Reformadas

A nossa entrevistada desta edição é **Rafissa Brasil**, presbítera e seminarista da Segunda Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte, e vice-presidente para a América Latina da Comunhão Mundial de Igrejas Reformadas.

#### REFORMATA: O que é a CMIR?

A Comunhão Mundial de Igrejas Reformadas, CMIR, é uma organização cristã ecumênica formada em 2010 pela união de duas outras duas organizações. A Aliança Mundial de Igrejas Reformadas e o Conselho Ecumênico Reformado. É composta por mais de 100 milhões de cristãos em igrejas Congregacionais, Presbiterianas, Reformadas, Unidas e Valdenses, com mais de 230 denominações. Tem como Declaração de Visão o chamado para comunhão e comprometimento com a justiça. Através de um robusto engajamento com a Palavra de Deus e o chamado do Espírito Santo, a Comunhão Mundial de Igrejas Reformadas está sempre sendo transformada ao se esforçar pela completa e justa participação de todas e todos. Na diversidade desta comunhão, busca que vivamos como uma expressão da "unidade do Espírito no vínculo da paz" (Efésios 4:3). O trabalho da organização é para renovar e restaurar a economia e a terra, para que toda a criação possa viver a vida em sua plenitude (Deuteronômio 30:19; João 10:10).

#### REFORMATA: Quais são as principais atividades desenvolvidas pela CMIR?

Antes de falar das atividades desenvolvidas de forma prática, penso ser importante explicar como se dá o trabalho da CMIR. Seu trabalho é construído com base nas tradições Reformadas e ações das suas Assembleias Gerais (*General Councils*), que acontecem a cada 7 anos e, também, sob a sua Constituição. O trabalho em si é guiado por um planejamento estratégico que busca colocar em prática sua Declaração de Visão, através de duas trajetórias: Fortalecer e aprofundar sua *Koinonia* (que pode ser traduzida por participação conjunta em uma comunhão) e crescer e expandir seu trabalho para um maior impacto global. Estas trajetórias são aplicadas por meio de cinco dimensões interligadas: Comunhão, Justiça, Teologia, Missão e Engajamento Ecumênico e Cooperação Interreligiosa.

São muitos os trabalhos em cada dimensão e é difícil falar dos mais importantes em cada uma

delas, mas gostaria de apresentar alguns dos projetos em duas delas. Na dimensão de Comunhão, penso que o trabalho de acompanhamento das igrejas membros tem desenvolvido projetos que merecem nossa atenção, como o comprometimento da CMIR nas chamadas Iniciativas Globais de Paz, como na Península da Coreia, onde a CMIR trabalha juntamente com suas igrejas membro e o Conselho Mundial de Igrejas para promover pontes de conversação na Zona Desmilitarizada e se posiciona contra atos de guerra. Semelhantemente, atua na Colômbia, promovendo recursos financeiros, teológicos e de liderança para suas igrejas membro e parceiros, para que eles continuem trabalhando por paz e reconciliação, por meio de programas e outras iniciativas.

Na dimensão de justiça, o pano de fundo sobre o qual a CMIR busca fazer a justiça, é o reconhecimento que há um contexto de um mundo que geme em dores de parto (Romanos 8:19-24) em um mundo caído entre ladrões (João 10:10). Assim, enraizada no conceito trazido pela Confissão de Accra que denomina "império" o sistema abrangente sob o qual vivemos, e que ao qual, como igreja, somos chamados a resistir, ela busca desenvolver seu trabalho em áreas primárias que demandam o trabalho de justiça, sendo elas: justiça econômica, justiça ecológica, justiça de gênero e comunidades inclusivas.

Na área de Justiça Econômica, a CMIR defende continuamente um sistema global democrático de governança econômica por meio de parcerias com organizações ecumênicas com ideias afins, movimentos populares e redes da sociedade civil. Isto é feito através da construção de movimentos de resistência por meio de campanhas coordenadas e com participação nos níveis local, nacional, regional e internacional. A NIFEA – *New International Financial and Economic Architecture* – ou, Nova Arquitetura Financeira e Econômica Internacional é um esforço multifacetado ecumênico que abrange diversos programas, incluindo a Escola Ecumênica de Governança e Gestão, em inglês – *Ecumenical School on Governance, Economics and Management (GEM)* –, um programa para fortalecer a voz e atuação no contexto de economia global, e a Campanha para Justa Taxação e Reparação, a Conferência Inter-religiosa de Ética e Economia do G20, entre outros projetos.

No que tange à justiça de gênero a CMIR entende que este é um processo de orar juntos, engajar, desafiar e sempre buscar o discernimento sobre como Deus quer que vivamos como mulheres e homens. Por esta razão, a Comunhão é particularmente comprometida com a justiça de gênero e a justa e completa participação da mulher em todas as áreas da sociedade. A aplicação prática disso internamente se manifesta na adoção da "Declaração de Fé na Ordenação de Mulheres" estabelecida pela Assembleia Geral de 2017, em que a organização se comprometeu a caminhar com as igrejas que ainda não ordenam mulheres. O Objetivo deste trabalho não é simplesmente sobre ter mais mulheres sendo ordenadas, porém sobre reconhecer que, ao incluir as mulheres em ministério como iguais na liderança das igrejas criará uma força poderosa para justiça social e econômica pelo mundo.

#### REFORMATA: Qual a importância em uma igreja reformada participar desta Comunhão?

Penso que viver em comunhão é um chamado de Deus para sua Igreja, como em João 17:10. O chamado para comunhão uns com os outros, não se restringe à igreja local, mas deve ser aplicado de forma tão abrangente quanto é a Igreja de Cristo espalhada pela Terra. Viver em comunhão é fundamental nos tempos modernos, marcados pela individualidade inclusive da fé. É na comunhão que a igreja amadurece, pois aprende a conviver na diversidade e, mais, é desafiada a promover a vida plena de cada ser que dela faz parte. Obviamente isto nem sempre é algo fácil ou sem desafios (rs), mas é a comunhão entre igrejas reformadas é o que desafia seu processo contínuo de reforma, pois é na comunhão que se manifestam as muitas vozes do povo de Deus e nela Deus faz discernir sua vontade para a Igreja. Entendo que a relação de Deus com seu povo tem sempre uma dimensão coletiva, comunitária e isto, obviamente, não se restringe à comunhão dentro de cada denominação.

#### REFORMATA: Quais os principais desafios para o diálogo entre as igrejas-membro do CMIR?

Quando tratamos de um organismo tão grande e plural, é bem certo que há desafios, alguns mais claros que outros. Imagine um contexto de comunhão entre a IPU e a Igreja Presbiteriana de Trindade e Tobago ou da Igreja Presbiteriana da Coreia e da Igreja do Paquistão. A diversidade é tremenda, e, naturalmente os desafios também. Há divergências linguísticas e culturais, bem como teológicas e hermenêuticas. Um desafio, em particular que a Comunhão está engajada é na área de justiça de gênero, engajando as igrejas membro

a ordenarem mulheres aos ministérios pastoral, presbiterial e diaconal, que não é consenso entre todas as igrejas e, ainda que de forma velada, já foi a razão para igrejas deixarem de fazer parte da Comunhão.

#### REFORMATA: Qual o seu olhar acerca do ecumenismo?

Tenho clareza que o mesmo chamado de Deus para comunhão entre os reformados convida a desenvolver relações ecumênicas. O ecumenismo precisa ser visto como uma expressão do processo de reforma pelo qual a igreja passa ainda hoje. Digo isto porque, a percepção de que só um grupo, ainda que sejam os reformados, tem o entendimento pleno da vontade de Deus não tem a ver com o espírito reformado. A Reforma deixa como ensinamento que a igreja transcende os limites de qualquer igreja em particular, vendo o trabalho de Deus também em outras tradições Cristãs.

Há uma dimensão que penso ser fundamental aqui. O ecumenismo precisa ser entendido como um vínculo profundo de paz que promove a vida. Isto quer dizer que o engajamento no diálogo é primordial para levar a um testemunho cristão sincero. Em 2017, consagrou-se o processo da Declaração Conjunta da Doutrina da Justificação assinado pela Igreja Católica Romana, pela Federação Mundial Luterana, pelo Conselho Mundial Metodista, pela Comunhão Anglicana e pela CMIR, concordando na salvação em e por Jesus Cristo. Isto é algo tremendo! É um sinal de reconciliação e de paz entre os herdeiros da Reforma e a Igreja Católica Romana após 500 anos.

Para mim, este vínculo de paz entre diferentes tradições cristãs precisa ser manifesto na busca por um mundo mais justo. Neste sentido, as igrejas cristãs precisam juntar forças para superar e resistir toda força e sistema que diminua a dignidade de qualquer criatura, humana ou não.

#### REFORMATA: Gostaria de acrescentar algo?

Tem materiais muito interessantes sobre a CMIR online que podem ser encontrados no site: <http://wcrch/>, o site pode ser acessado em espanhol e é possível traduzir pelas ferramentas do aplicativo de internet para o português. No mais, quero agradecer pela oportunidade de participar deste trabalho lindo que é a Revista REFORMATA e me colocar à disposição para conversar sobre a Comunhão Mundial de Igrejas Reformadas e quaisquer outros assuntos, caso alguém se interesse. Deus abençoe este trabalho.

## BILLY GAMMON: por um avivamento da memória

*"Foi Billy, juntamente com Dr. Richard Shaull, quem estruturou e expandiu para todo o Brasil o trabalho de reflexão bíblica e teológica com a juventude presbiteriana e com estudantes cristãos. Ela e Dr. Shaull ensinaram-nos a ler e interpretar a Bíblia. Aprendemos uma outra forma de exegese bíblica e uma metodologia de trabalho reflexivo e participativo."*  
(Paulina Steffen<sup>1</sup>)

*"O nome de Billy Gammon não pode ser esquecido como uma das grandes líderes de nossa mocidade"*  
(João Dias de Araújo<sup>2</sup>)



Na edição anterior da REFORMATA, o Rev. Felipe Cavalcante da Costa citou brevemente em seu texto o exemplo de luta da presbiteriana Billy Gammon. Neste texto iremos aprofundar sobre a vida e o legado desta saudosa personagem, lamentavelmente "esquecida" pelos anais oficiais, e que muito contribuiu para a reflexão teológica, ecumênica e social da Igreja brasileira.

#### Introdução

Willie Humphreys Gammon, a Billy, nasceu em Lavras, Minas Gerais, em 1º de julho de 1916. Era filha de Samuel Rhea Gammon e Clara Gennet Moore Gammon, missionários de origem norte-americana que dedicaram suas vidas ao Brasil. Seu pai foi fundador do Instituto Presbiteriano Gammon, em Lavras, um importante colégio que se destacava pela valorização da cultura, da vida comunitária e da convivência entre discentes e docentes. Os pais de Billy moravam no próprio colégio, e foi neste contexto em que ela cresceu,

cercada de muitas pessoas, livros, músicas e artes em geral.<sup>1</sup>

Após completar os estudos superiores nos Estados Unidos, Billy volta para a cidade natal e se dedica ao ensino de inglês, música e sapateado no colégio Gammon. Era uma mulher a frente do seu tempo!

Ora, como pode uma jovem protestante ensinar dança para crianças e jovens, em uma instituição da igreja? Dançar era considerado pecado, segundo os preceitos de muitas igrejas protestantes. Pela primeira vez, no Brasil, uma escola presbiteriana ensinava dança aos seus alunos. A atuação de Billy era vista como uma afronta por alguns líderes conservadores. Contudo, Billy tinha o apoio dos pais e de outros membros da direção do Instituto Gammon. Seu trabalho passou a ser valorizado por outras lideranças da igreja, principalmente pelos jovens. Por meio do ensino da música e do sapateado, Billy criou oportunidades para crianças e jovens entrarem em contato com outras formas de cultura, de arte, trabalhando com o corpo. Dessa forma, muitos jovens que se tornariam líderes do protestantismo aprenderam a ser menos repressivos em relação ao corpo e a superar certos preconceitos. Até mesmo foi possível refletir sobre a (falsa) dicotomia corpo versus alma. (Miller, 2006, p. 26)

#### Trabalho com a juventude

Em 1938, a Igreja Presbiteriana do Brasil organizou o Departamento da Mocidade da Igreja. Em 1944 a mocidade fundou o seu próprio jornal, Mocidade, o qual serviu como instrumento relativamente independente para as suas ideias.<sup>3</sup>

Neste tempo, Billy Gammon atuava como missionária no Brasil pela Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos e trabalhava com os jovens, trabalho este que foi se firmando e se tornando conhecido. Em 1946, a pedido do Supremo Concílio da IPB, a Missão Leste do Brasil (da Igreja Presbiteriana do Sul) cedeu Billy Gammon, para ser Secretária da Mocidade em tempo integral. Era inédito o fato de uma jovem assumir um cargo de nível nacional na Igreja e Billy era muito competente e bem preparada, tornando-se figura